



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

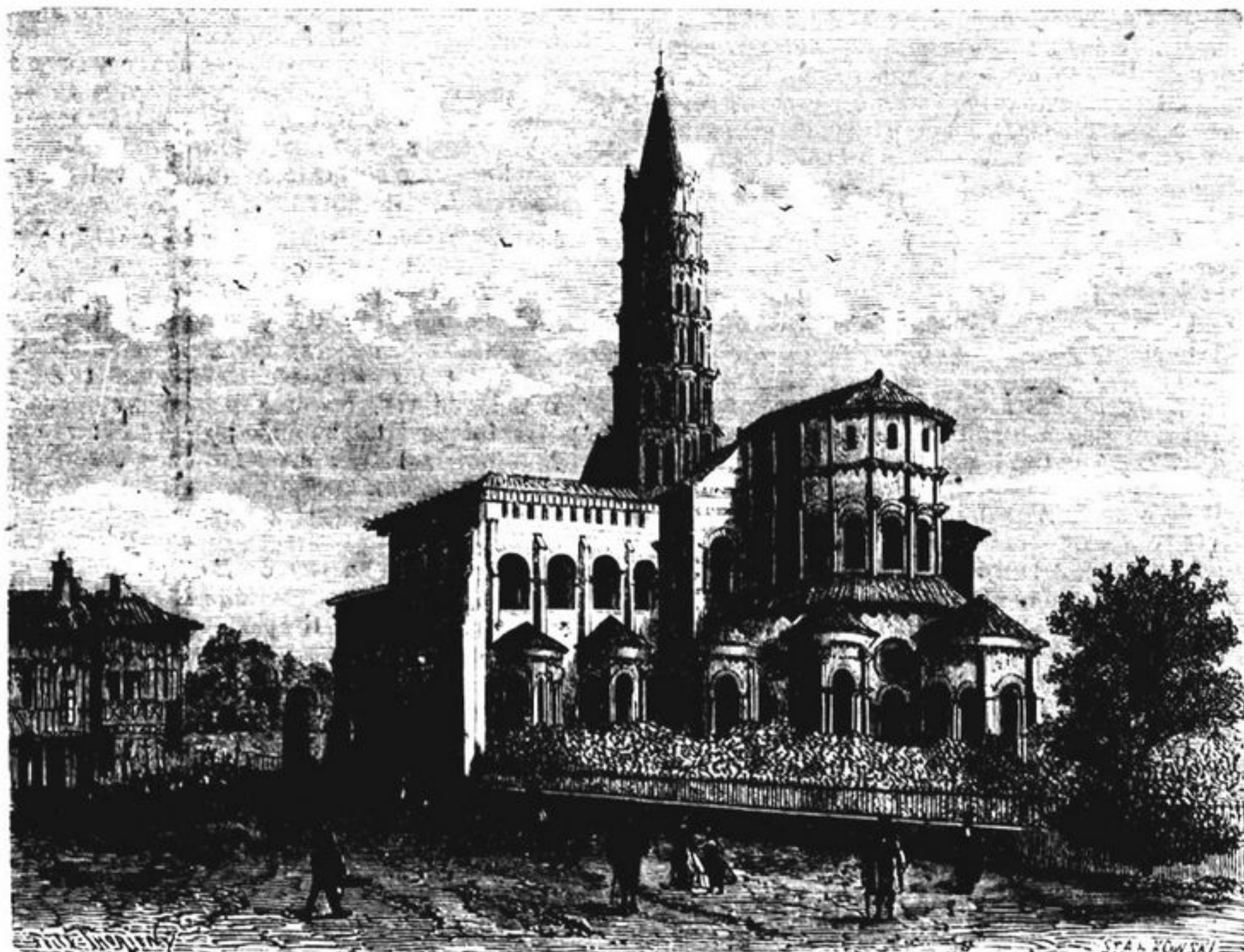
COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha. Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machad; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

SUMMARIO

TEXTO:—Chronica, por D. Guiomar Torrezão.—As intrigas da emigração, por Pinheiro Chagas—Velut Umbra, soneto, por Francisco de Menezes.—Palestras theatraes, por Alfredo Oscar May.—As primeiras obras de Camillo Castello Branco, por Alberto Pimentel.—As nossas gravuras;—Um conselho por semana.—A rir.—

Apointamentos para a historia da cãmara dos pares, por Marques Gomes.—Em familia (passatempos)—Tudo aos pobres, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—Templo de S. Martinho, em Laigle.—La Brunette, polka.—Alexandre Hercutano—Appio Claudio, o cego, combatendo no senado romano as propostas de Pyrrho.—Custodio Maria Fontainha —Paço de Sousa.



TEMPLO DE S. MARTINHO, EM LAIGLE

CHRONICA

ALEXANDRE HERCULANO

HONTEM E HOJE

Hoje, 27 de junho, ás 8 horas da manhã, partiu de Lisboa o comboio funebre que vai buscar a Santarem os restos mortaes de Alexandre Herculano.

Enquanto a locomotiva passa ao longo dos campos, cortando o espaço com a sua voz de clarim, que tem n'este dia uma vibração nova, como que a sonoridade de um hymno, obscurecido a espaços da melancolia de uma saudade, irei ao passado reviver uma impressão longiqua e repintar uma tela meia apagada. Eil-a.

Ha quanto tempo afagava eu o intimo desejo de ir assentarme á sombra das oliveiras de Val de Lobos, de ir bater á porta d'aquella casa onde projectou a sua luz intensa e fecunda o mais alto espirito que fulgiu no céo da patria, de ir interrogar o mysterio d'aquellas solidões que encerram no seu doce e austero remanso, apenas perturbado pelo sussurrar das folhagens e pelo sibilar do vento, gemendo nas franças dos pinheirões, os eccos de uma grande voz que a morte emmudeceu, mas que hade resoar eternamente nas paginas de alguns livros e no culto das gerações!...

A estrada que nos conduz a Val de Lobos, ao longo da qual caminhamos absorvidos pela memoria d'esse inolvidavel ausente, d'esse poeta immortal, d'esse erudito, d'esse potente artista da palavra, cujo estylo reflectia a transparência do crystal e vibrava da sonoridade do bronze; a nave que precede o templo, preparanos de antemão para as tristezas que nos envolvem, como um crepe funerario, ao transpor o limiar.

A estrada, sem deixar de ser bonita, está longe de ter o frescor, o aspecto ridente, o bucolismo pastoril que caracterizam em geral a paisagem do Ribatejo.

Os quadros que se desdobram á nossa vista, são monotonos e escassos de colorido. Nem um vislumbre d'essas alérgicas casinhas, caídas de branco, penduradas na espalda das collinas, pulando festivamente por cima das hortas e pomares, que Daudet comparou a lavadeiras batendo a roupa ao sol.

Os casaes que se recortam no fundo dos vales e no alto dos comoros, revém o verde oxidado dos olivares e das figueiras.

Ha uma tonalidade dura e aspera n'essas planicies tismadas pela canicula ou mordidas pela geada, onde raro se nos depara a verdura hilariante da vinha, o sorriso vermelho dos jardins ou a viva palpitação das cearas.

A estrada que se desenrola pelo meio dos campos, descobrindo á direita e á esquerda, retalhos de paisagem, fragmentos de perspectiva, mutilados pelo brusco desaparecimento do horizonte, sobre o qual correm interminaveis cortinados de montes terrosos e aridos; a estrada acompanha-se, a longo trecho, de grupos de choupos, acacias, eucalyptus, castanheiros e sobreiros, que ora lhe dão a caricia das suas sombras balsamicas, ora a expõem sem attenuante ás cuteladas do sol.

A medida que nos avizinhamos de Val de Lobos, accentua-se mais a desolada uniformidade da tela: a oliveira, a arvore da tristeza, mil vezes mais funebre do que o cypreste, predomina quasi exclusivamente. Aqui e ali, um pinheiro isolado resalta, desenhado no fundo alaranjado do crepusculo o seu perfil rectilíneo e metallico.

De repente, a carruagem foge á estrada, que segue em curveteados para outras povoações, e embrenha-se em um estreito atalho, á direita, flanqueado de um tosco gradamento feito com vides, á esquerda do qual alveja, silenciosa e espectral como um mausoleu, a fachada da casa de Alexandre Herculano.

Não tentarei descrever o que senti, a infinidade de pensamentos que se cruzaram no meu espirito, affilando á memoria de uma affeição gratissima, ao entrar pela vez primeira aquella porta!...

Vou receber-nos a casura, uma pobre velha boçal e rude, sobrevivencia anachronica da aldeã primitiva, ignorante do complicado mecanismo da vida moderna, não conhecendo o mundo além das geiras de terra que superintende, das arvores que a primavera cobre de flores e o estio aloireja de frutos, á pacifica sombra das quaes irá buscar a morte, o tranquillo adormecer no seio da natureza reservado aos simples e aos ignorantes.

Como ella, porém, soube transmittir nos, na sua phraseologia desartificiosamente espontanea, a impressão mystica, feita de cultos dedicados e de respeitos incondicionaes, que Herculano inspirava a quantos viviam na sua intimidade e se envaideciam com a sua estima; testemunho posthumo e insuspeito, que ninguém ousaria impugnar, revelando-nos o grande coração incomprehendido que velava em uma reserva, quasi hostil, perolas de bondade e sensibilidade!...

Escuso de asseverar que percorri todos os aposentos, que examinei detidamente todos os objectos, por mais insignifi antes, procurando n'elles a affeição, embora remota, ligada á existencia que os illuminára com a sua projecção e lhe deixára como que um vestigio do seu pensamento.

Eu,—a mais insupportavel de todas as distraidas!—vi tudo, fixei tudo e guardo de tudo uma recordação fiel e nitida como uma photographia.

Vi o quarto onde morreu o eminente historiador, o leito, um singelo leito de madeira á franceza, onde elle exhalou o ultimo suspiro, defrontando com a janella que o moribundo pediu que lhe abrissem, para que lhe fosse permitido contemplar pela ultima vez as suas queridas arvores, as doces companheiras da sua meditação.

Vi o gabinete de trabalho de Alexandre Herculano, de uma simplicidade escolastica, mobilado com tres fauteuils pequenos, tres cadeiras de palhinha e uma meza estreita e comprida, collocada ao meio da casa, coberta com um panno escuro, tendo em cima um enorme tinteiro de cobre amarello, igual aos que só se encontram hoje nos velhos cartorios refractarios á invasão da moda.

Das paredes do escriptorio pendiam dois retratos de homem, e junto da meza via se uma cadeira de costura, indicando a presença da estremecida esposa nos longos serões de inverno, quando o vento zoava nos azinheiros e chicoteava o pinhal, arrancando lhe suspiros eolicos ou clamores gemebundos; os serões ruraes, de que Herculano tanto gostava e que descrevia com a verdade fligante, o vigoroso relevo e o delicado esmalte poetico que se fundiam na complexidade do seu grandioso estylo.

Junto do escriptorio havia um gabinete, tendo ao fundo uma marquezia e no lado opposto uma mesa com dois castiçoes e uma vela meia consumida, a que deu talvez a ultima luz para a extrema noite da agonia.

Na sala, como que guardando o lar do ausente, sobresaia o retrato de D. Pedro V, martyr de um destino tragico que levou para o tumulo o segredo da tristeza presaga que lhe ensombrou a fronte pensativa, e o capitulo inedito de um reinado, abrinho em esperanças ridentes e cerrado bruscamente na lousa do sepulchro. Uma illusão, como disse o insigne orador Alves Mendes, que se exolveu em saudade e uma saudade que se perpetua em lagrimas.

O principe votava ao peregrino escriptor uma affeição filial, cimentada pelas secretas affinidades do espirito e da alma.

Herculano amava Pedro V, esquecendo-se de que era rei, não accetando nenhuma das mercês que baixavam do throno, e extremando apenas para a sua estima o talento e o coração do homem.

A casa do jantar, desafogada e cheia de luz, guarnecida de uma grande meza, um aparador e um guarda-loiço, abria para uma especie de erado, onde seccavam ao sol taboleiros de ameixas. Do erado desvia-se para a quinta, abroquelada de parreiras avergadas de cachos, embrulhada nas dobras do espesso olival, limitada pela nora e por um tanque que parecia ir borri-far a balsamina, a hera e a baunilha, enroscando-se em laçarias e sanefas no caramanchão fronteiro.

Antes de penetrarmos na cosinha, contigua á casa de jantar, uma genuina cosinha de lavrador, provida de amplios lavadouros de pedra e de insondaveis armarios, entrámos na capella, refulgente de doiraduras, sorridente do aspecto sadio dos santos, acabados de brunir, recortando ao fundo o vulto serpentino e angustioso de um Christo eburneo.

Instinctivamente, senti subir do coração aos labios a oração que o poeta da *Harpa do crente* murmura ao sopé da cruz, no rutilante prefacio do *Parocho de aldeia*, e perguntei ao meu espirito porquê em que obscuro ponto de casuistica se inspirariam os edis da consciencia humana, que alcunharam de atheu o mais crente e virtuoso de todos os dissidentes do obsoleto dogma catholico?...

Depois de visitar a casa, por onde esvoaça a luminosa alma do poeta, fui ver a tumba onde jaziam as cinzas do homem.

Nem uma palavra a dizer-nos onde dormia o seu ultimo somno o primeiro historiador portuguez!...

Se a geração actual desaparecesse, varrida por um cataclysmo, a geração de amanhã procuraria em vão os restos mortaes do glorioso romanista do *Eurico*!...

Esses restos repousavam no adro da igreja da Azoia de Baixo, no jazigo da familia Gorrão.

Sobre a lapide do jazigo lia se o seguinte epitaphio:
 «A memoria do general de brigada Pedro Vieira Gorrão, 1870. Em testemunho de gratidão, e de saudade mandou erigir este monumento José Filippe de Sá»

A Azoia é uma aldeia solitaria e como que relegada do convívio da civilização, não obstante a sua proximidade de Lisboa. Conta apenas meia dúzia de choças encarvoadas, que lhe imprimem o aspecto de uma vetustez taciturna.

Do alto do adro, sombreado pelas franças de dois chorões, avistava-se uma massa compacta de arvoredos, diluida nos tons cinzentos da noite que se alastrava.

E n'essa thebaida, onde de cada uma das folhas arrepiadas pelo vento parecia desprender-se uma lagrima e evolvar-se o preludio de um threno, n'essa agreste natureza, tão placida, tão tran-

quilla e tão concentrada, que emoldurava harmonicamente a austera e grave physionomia de Herculano e como que definia na nudez eloquente a sua grande alma desiludida e melancólica — a figura do historiador, do romancista, do poeta, do philosopho, erguia-se dominadora e povoava esse obscuro valle, essa modesta casa e essa pobre aldeia, que já hoje pertencem á posteridade.

Portugal acaba de pagar a sua grande divida áquelle que o cobriu de gloria.

Herculano, o plebeu que saiu da obscura camada do povo para subir em um vôo genial á immortalidade, dorme em uma crypta reg'ia.

Cobrem o as vastas abobadas manuelinas do magestoso templo dos Jeronymos, que se assimelham pela immensidade, conforme disse Alves Mendes em um conceito peregrino, ao infinito do horizonte, desdobrando se na amplitude do oceano. Do seio da natureza campestre, que lhe revigorou o desalentado espirito, que lhe ungiu de estranhos balsamos caridosos o ulcerado coração e guardou até hoje as suas venerandas cinzas na sagrada penumbra feita pelo copado arvoredado, trouxe-o a piedosa devoção de um povo e a justa homenagem de uma nação para o seio da igreja, que abriu os braços ao morto, lavando em torrentes de perolas, brotando copiosamente dos labios de um sacerdote, o agravo que intentára ao vivo.

A capella pantheon onde repousa Herculano, uma obra prima da arte nacional, uma renda de pedra fantasiosamente cinzelada, retinta a espaços de cores prismaticas, caindo em gotas de luz diaphana das largas ogivas, emoldurando os vitraux, guardada pelo formosissimo Christo, modelado por Simões d'Almeida, é digna do epico cantor das nossas extinctas glorias.

E digna do seu poderoso cerebro creador, da sua obra gigantesca, em que a poesia, o romance e a historia atingiram a culminancia do bello e deslumbraram da vertiginosa eminencia do genio, repercutindo tudo quanto a palavra escripta pôde conter de mais harmonioso e realizando tudo quanto o pensamento humano pôde conceber de mais perfeito, foi essa apothese dos Jeronymos, que agrupou no mesmo impulso, identificou na mesma idéa e fez vibrar da mesma emocionadora e fervorosa adoração posthuma, um paiz, representado pelos seus homens mais eminentes, pelo flor (desabrochando ao sol do estudo,) da mocidade escholiar e pelo fructo sazornado da frondosa arvore intellectual, individualizado na ala dos poetas, dos prozodores, dos sabios, dos academicos, dos jornalistas, de toda uma geração que veio prostrar se reverente á beira do pedestal, onde se alevantou para a posteridade o vulto esculptural de Alexandre Herculano.

Na luz deslumbradora, refulgindo em ondas do monumento esculpido pelo titan, e na sombra luctuosa, estendendo-se da urna funeraria que lhe guarda as cinzas, o verbo arrebatador de Alves Mendes, o maior entre todos os modernos oradores da Peninsula, espalhou as joias facetadas da sua eloquencia assombrosa, fez ressoar, uma a uma, as estranhas sensibilidades, de um refinamento irresistivelmente contagiador, da sua alma de artista, e reviveu durante alguns instantes, pela superior evocação do espirito, pela alteza e subtilidade da idéa, pelo maravilhoso dom da palavra, a figura complexa de Herculano, estudada, reproduzida, galvanizada, reconstruida e entendida, como ella o não fôra nunca.

A suprema influencia do poeta do *Eurico* e *Monasticon* na evolução litteraria e artistica da concepção portugueza, a sua gloriosa iniciativa no movimento romantico que desferiu o seu largo vôo de condor atravez da Europa, emplumando no genio de Hugo, o *leader* da nova legião, e surgindo enflorado de novos primores nos carmes de Garrett e Herculano, admiram a todos; a bondade ineffavel do homem, a singular affectuosidade do seu coração, a rara generosidade da sua alma, conheceram-a poucos.

Herculano retrahia-se a espansibilidades ostensivas, como é proprio dos delicados, e envolvia-se exteriormente de um severo desdem, quasi aggressivo, como é innato nos fortes. Nos seus labios, ligeiramente ironicos, como que se estereotypava o verso que Alfredo de Vigny poz na bocca de Moysós:

Je suis puissant et solitaire

E no entanto, eu devi a esse inacessivel, a esse homem que parecia talhado em bronze e blindado em aço, uma estima generosa e um favor assignalado, cuja lembrança não se extinguirá nunca.

Na epocha em que Herculano deixára cair das mãos geladas e do espirito conturbado a penna d'aguia, que escrevera a pagina da sua immortalidade, foi o meu nome obscuro ao seu ermo alpestre pedir-lhe o obolo de uma collaboraçã, que seria para o *Almanach das senhoras*, então na infancia, a base de um futuro certo e a chave de ouro de um exito seguro.

O grande escriptor, que se negára obstinadamente a pedidos identicos, que sem cessar o assaltavam de todos os pontos do paiz

e do Brazil, abriu uma excepção unica para a escriptora humilde, para a mulher desprotegida que ambicionava conquistar pelo seu trabalho a sonhada independencia.

Veio a minha casa, esse que se recusava a visitar os poderosos da terra, dignou-se honrar o modesto livrinho com cinco ou seis artigos e deu-me a gloria de archivar hoje entre as minhas memorias queridas as suas cartas preciosas.

Transcrevo aqui uma d'essas cartas, que constituem a unica opulencia da minha vida litteraria:

Ex.^{ma} Sr.^a

«Val de Lobos, 16 de maio, 72.

«As duas grandes qualidades das pessoas do sexo de v. ex.^a, a imaginação e o sentimento, tornam-se ás vezes em macula pelo excesso. V. ex.^a dá aos meus pequenos serviços, se é que chegam a sê-lo, um valor que elles não teem. Obriga-me a fallar assim a consciencia, que me está dizendo que o salario de affectuosa benevolencia com que v. ex.^a m'os paga, é o mais mal ganho possível.

Por este correio vão as provas cuja devolução prompta v. ex.^a exigia.

Pede-me v. ex.^a para publicar a minha anterior carta. Não me lembro do que escrevi, porque a memoria é a primeira faculdade que falta aos velhos.

Faça v. ex.^a o que entender.

Como já não tenho pretensões de escriptor, por maiores sem-saborias que contenha, já se me não faz a face vermelha com isso.

O peor é o desgosto dos leitores do Almanach. O que receio é que v. ex.^a, cega pela amizade, se esqueça d'essa consideração gravissima.

«De v. ex.^a servo e amigo obrigadissimo
A. Herculano.»

Ha uma linha n'essa carta singelissima, que resume toda a candidez intemerata d'essa alma radiosa:

«Já não tenho pretensões a escriptor.»

O desforço contra o bando dos corvos, arrastava a aguia a duvidar da envergadura das suas azas!

Elle! o primeiro entre todos!

GUIOMAR TORREZÃO.

AS INTRIGAS DA EMIGRAÇÃO

Acaba de se publicar no Porto um interessantissimo folheto de 71 paginas devido á penna do sr. Pedro A. Dias, e que se intitula *Archologia politico-litteraria* (1827-1834). Não se pode dizer que o titulo seja dos mais felizes, mas o assumpto é interessantissimo, e os ineditos que publica e os commentarios com que os acompanha merecem a mais séria attenção dos leitores que ainda se interessam pela nossa tão ignorada historia.

Um dos periodos mais desconhecidos da moderna historia portugueza é o da emigração. Nunca um historiador qualquer submetera a uma analyse rigorosa e a uma critica elevada os acontecimentos d'esse tempo. Comtudo, nem sequer morreram ainda todos os emigrados, a fonte das informações, portanto não seccou ainda, mas, longe de servir para dar elementos de justa apreciação aos que pelo seu assumpto se interessam, não servem senão para perpetuar a tradição dos maldizentes. Alguns d'esses historiadores, testemunhas oculares dos acontecimentos, imaginam que esse facto faz d'elles uns juizos seguros, sem se lembrarem que a sua informação não é mais do que um dos factores da critica, que só pode ser feita por aquelles que abrangem os acontecimentos no seu aspecto panoramico, e no seu conjuncto geral. Pois um soldado, que combateu ardentemente n'um recanto de um campo de batalha, pode lá mesmo saber o que essa batalha foi? Pois um general, que esteve cercado uma praça enquanto o commandante em chefe dirigia a campanha no seu conjunto, pode lá saber o que essa campanha foi? E comtudo, a narrativa do soldado é um excellente elemento para a descripção da batalha e o relatorio do general é um optimo elemento para a historia da campanha; mas o proprio general em chefe muitas vezes se engana sobre as causas que originaram um movimento do inimigo, ou ignora os motivos de um ataque ou de uma retirada. Só o historiador, que pode colher e cotejar as informações mais contrarias, é que poderá apreciar com verdade os acontecimentos, e ainda assim precisa de estar bem proximo dos acontecimentos e bem visinho dos actores para poder apanhar muitas coisas que se não escrevem e que dão muitas vezes a chave de muitos enigmas mysteriosos dos bastidores da politica, que os tem como nenhum outro theatro é capaz de os possuir.

A historia da emigração está por fazer, porque a dicta simplesmente por ora o rancor de cada um dos emigrados. Um esteve, em Plymouth, não viu senão o que se passava à roda do barracão, nada soube das difficuldades com que em toda a parte se luctava, julga comtudo conhecer os mysterios da emigração, elle, que não via nem podia ver senão o que se passava na esphera estreitissima em que se movia. Vem outros depois, o que é peor ainda, copiam os pamphletos do tempo e imaginam que fazem assim historia. O sr. Soriano, por exemplo, que foi emigrado, que está escrevendo por conta do governo portuguez a *Historia da guerra civil*, limita-se a copiar paginas e paginas dos pamphletos escriptos durante o periodo mais acceso da grande lucta. E' isto escrever historia?

Folgámos immenso, n'estas circumstancias, com a idéa que teve o sr. Pedro Dias, de publicar alguns escritos interessantes, que trazem novos elementos para a historia d'esse periodo curioso, quando elle venha a ser conscienciosamente escripto.

O primeiro dos escriptos interessantes que o sr. Pedro Dias collecciona no seu folheto, é o intitulado *Circo olympico dos burros emigrados*.

Como é sabido, os nossos emigrados estiveram dispersos em França, em Inglaterra, por differentes depositos, onde viviam miseravelmente, porque recebiam subsidios mesquinhos, e porque não encontravam nos governos d'esses dois paizes, durante algum tempo manifestamente favoraveis a D. Miguel, nem caridade, nem auxilio.

D'ahi se originava um natural mau humor, uma surda indignação contra os chefes, que eram naturalmente considerados os responsaveis por essas coisas. Em muitas d'essas queixas haveria de certo justiça. O parco orçamento dos emigrados não seria bem repartido, haveria irregularidade no modo como os dinheiros eram administrados, a verdade é tambem que, por mais acertadamente que se fizesse a repartição orçamental, por mais regularmente que se administrasse, o dinheiro era pouco, e o orçamento exiguo. E, como na casa onde não ha pão, diz o proverbio, todos ralham e ninguem tem razão, é licito suppôr que estes ralhos de emigrados devam ter um grande desconto.

Ora todos se queixavam—queixavam-se os de Plymouth, que julgavam que em França se nadava na abundancia, queixavam-se os de Rennes, que imaginavam que em Inglaterra tudo era riqueza, queixavam-se os chefes contra os soldados, accusando os de insubordinados, de revolucionarios, queixavam-se os soldados contra os chefes accusando-os de despotas, de imbecis, de venaes. E pode um historiador serio aceitar como *historia* semelhantes desabafos? accete-os como elementos para a historia, porque ha n'elles muitas coisas legitimas, mas sujeite-os ao seu criterio, submeta-os á sua analyse, tire-lhes a percentagem da verdade.

O *Circo olympico dos burros emigrados*, de que vamos fallar agora, é uma satyra dirigida contra os principaes emigrados do deposito de Rennes na Bretanha, por um dos seus companheiros, que nunca se soube positivamente quem fôra. Attribuiu-se a Antonio Pereira dos Reis, mas esse negou positivamente a sua paternidade, que não impedio ainda assim de que lh'a continuassem a attribuir.

O que tem de interessante esta satyra, que visa apenas no seu conjuncto a censurar umas manifestações que iam ser dirigidas a D. Pedro e á rainha, é a analyse dos typos de differentes emigrados que viviam no deposito de Rennes, muitos dos quaes se tornaram depois conhecidissimos.

O primeiro dos troçados é aquelle intrepido barão de S. Cosme, que morreu depois parece-nos que no Chão da Feira, n'uma d'essas luctas que foram, depois da conquista da liberdade, o triste fructo das discussões da emigração. João Nepomuceno de Macedo, então tenente-coronel, e que depois se mostrou um official de cavallaria valentissimo, recebe a alcunha de *Chrorina segundo*. Pelo que se deduz das notas que acompanham a satyra, usava chinó, mas o critico reconhecia em todo o caso que era menos mau militar. Tinha elle o commando do deposito.

O segundo troçado vive ainda. E' o actual visconde de Seabra, o eminente juriconsulto Antonio Luiz de Seabra, que na emigração manifestou os seus talentos. Não lh'os contesta tambem o critico, mas acha retumbantes de mais as congratulações dirigidas a D. Pedro e á Rainha, e que tinham sido redigidas por elle.

Não sabe o sr. Pedro Dias, que de vez em quando elucida as notas, se o emigrado a quem o critico chama na satyra o *myope*, *stulto Sousa* e de quem diz nas annotações que era um orador miseravel, seria o desembargador da Relação do Porto, João Manuel de Carvalho e Sousa de Aguiar. Em todo o caso não parece ter chegado a ser muito conhecido.

Apparece nos em seguida, tosado tanto em verso como nas annotações pelo servilismo, de que o accusa um outro emigrado que fôra secretario militar do governo das armas do Porto. E' Joaquim Nogueira Gandra, que viveu depois quasi sempre no norte do paiz, e que morreu no Porto em 1866.

Sabem quem é o *doutor Piolho*, a quem o auctor chama nos versos *grasina*, e a quem chama nas notas *Tarelo insolente e mau*? E' nem mais nem menos que Julio Gomes da Silva Sanches, que foi depois presidente da camara dos deputados e por varias vezes ministro. Estava condemnado o digno homem a ser

alvo das criticas de todos os poetas e presidores. Attribuiram-lhe o famoso bendecasyllabo:

Marmoreos versos de estrellado assento

E ainda por cima o nosso poeta Rodrigues Cordeiro o mimoseou com aquella celebre gazetilha:

O' Julio Gomes
Da Silva Sanches,
Não te desmanches, etc.

Chamavam-lhe na emigração, como se vê, o *doutor Piolho*. Pois metteu-se na costura de varios ministerios.

André da Ponte do Quental apanha depois a sua conta em prosa e verso. E' fradepio da mão furada, maroto de marca de anzol. Diz se-lhe que andava em Bruges passeiando «publicamente com uma rascôa ingleza, a quem chuchava uns vintens, etc.» Por tabella apanham tambem José da Parada e Silva Leitão, que morreu ha poucos annos, sendo lente de desenho na Academia Polytechnica do Porto, e Miguel Antonio Dias, qualificado de *aprendiz de alveitar*, e que foi depois medico na Covilhã.

Segue-se depois o *doutor Calhandro*, a quem se lançam em rosto os seus *cujos* nominativos, e que é descripto como um sujeito pansudo. Tornou-se bastante conhecido no Porto, e ahi morreu em 1837. Chamava-se Carlos Vieira de Figueiredo.

Fecha com chave de ouro o poeta a sua satyra, dando uma tarefa monumental, em verso, ainda augmentada nas notas, n'um capitão Vasconcellos, que o sr. Pedro Dias suppõe dubitativamente que seria José de Vasconcellos Bandeira de Lemos. A esse chama-lhe *bispo torto*, e conta que lhe chamam *bispo* «por ter andado um dia inteiro na *Place aux arbres* atraz de um *cardeal*, que pertencia ao D. Kerden, livreiro, e que se tinha esgueirado da gaiola.» E o critico accrescenta gravemente: «Digna occupação de um militar emigrado!»

Continuaremos.

PINHEIRO CHAGAS.

VELUT UMBRA

Quando eu te quiz dizer o adeus da despedida,
—Adeus que resumia a minha dôr funesta,
Nem com magoa siquer me olhaste a fronte mesta,
Nem prescristaste os ais d'esta alma doiorida,

Da estrella de ouro e luz—farol da nossa vida,
Uma vaga saudade é tudo que te resta;
Se a tua bocca treme um rir que os labios cresta,
O teu olhar affirma uma illusão perdida.

Manda ao meu coração a limpida bonança,
Uma palavra só, a meiga flor da esperanza,
E que eu veja uma vez a luz do amor inflada...

O' flor! ó flor ideal dos meus jardins risonhos,
Abre a fina corolla aos perfumados sonhos
Do tempo que passou... e porque eu choro ainda!...

Vizeu.

FRANCISCO DE MENEZES.

PALESTRAS THEATRAES

Emquanto no *Avenida* o correio do autocrata de todas as Russias, o varonil e martyr Stroggoff, lucta victoriosamente com a mais terrivel adversidade para cumprir a missão gravissima de que o incumbiram, e no *Colyseu* a *Cadiz* vae de vento em pôpa, mercê das excellentes vozes das primeiras partes e dos côros, continuemos a conversar serena e amigavelmente acerca do theatro e suas variadissimas relações com uma infinidade de cousas e idéas, que para os espiritos irreflectidos não vœem a proposito de divertimentos.

Já o declarámos no primeiro d'estes artigos e reiteramos: não nos move interesse pessoal, nem nos orienta a penna sentimento baixo e malevolente contra empresas e artistas.

Vivemos felizmente n'um mundo de sciencia, serenos, isentos de paixões ruins.

Habitados á critica sociologica pelos nossos estudos historicos no gabinete e pelas lições no magisterio official, estremecendo o theatro com verdadeira idolatria de quem lhe tem sacrificado

passagem rápida, atiram-se aos braços dos directores, dos actores, tudo foi magnifico, deslumbrante; percorrem os camarins, elogio para a direita, aperto de mão para a esquerda, em summa uma febre que nos faz recear muito que após ella venha alteração mental.

Sabem tambem o que frequentemente acontece? Alguns d'esses amigos, se perceberam os erros, as faltas, os males da peça e do desempenho, veem para o salão e então transmudam-se. Acabam, ás vezes, por concordarem com algum espectador mais atilado ou instruido, em que a empresa e os actores não se esmeraram em satisfazer pelo sacrificio, pelo apuro no estudo, por todos os elementos determinantes d'agrado justo e espontaneo, ao que o auditorio tem direito a ouvir e ver no theatro. Recapitulando: A lisonja e a pernicioso amizade das camarilhas dos empresarios e dos actores são uma causa fatal de ruina para o theatro. A advertencia illustrada e proficua é tida á conta de... indiscreta caturrice e *sabença*. Vá um ingenuo recomendar que não accentuem os actores dois ii, porque a grammatica nacional mais elementar terminantemente o prescreve... (**) Dizem que o theatro não é aula de meninos. Nota-se um erro crasso de guarda roupa, respondem enfastiados, que não representam para *sabios*, mas sim para o publico... esse bom burguez que aceita o excellente e o ruim com igual encanto, sem os descriminar!

E' evidente que esta regra tem, felizmente, excepções honrosas. Ha ainda quem deseje agradar aos que verdadeiramente apreciam theatro, e que sabem que, apesar do meio não ser propicio para a arte pura, a lucta tenacissima pela verdade, pelos aphorismos da esthetica, acaba por dar a victoria ao que deve respeitar-se sempre. Sorriam-se, pois, os artistas dos louvores e abraços, os quaes, não sendo de Judas, reconhecemol-o, são inspirados pela amizade desajudada da critica, da sciencia e da intelligencia.

Ha poucas artes, que, para o legitimo bom exito, requeiram tanta independencia de caracter, tanta hombridade, digamos o termo proprio, dos conselheiros e dos consultores... O influxo dos mãos louvaminheiros evita desastrosamente exhibirem-se bem em scena as peças e serem interpretadas fielmente. A ebriedade do elogio estonteia os entendimentos mais lucidos e predispõe-os para repellirem as indicações salutaes e apoiadas nos principios eternos da arte.

Qual o remedio para tamanho mal? Em vez de pedirem a noticia, que levanta ás nuvens o que devêra ser lançado no abysmo do esquecimento, que falseia a verdade, aconcheguem-se ao pequeno numero dos sinceros, leaes e esclarecidos apreciadores, peçam-lhes que assistam aos ensaios e que no decurso d'elles vão marcando todas as correcções, que se evidenciarem necessarias, discutindo-se e tratando-se com inquebrantavel seriedade de fazer-se o melhor possivel. Congreguem-se todos os esforços e estude-se intensamente a realidade em todos os seus pormenores.

O caso a que alludimos na *Palestra* anterior, referente ás listas nas calças dos officiaes, é typico. Como aquelle, ha milhares de erros imperdoaveis. Os ensaiadores deveriam ser rigorosissimos em exigirem dos empresarios, que nunca a direcção d'esses guias dos actores e responsaveis pela *mise en scène* fosse annullada com o futilissimo pretexto de escassez de capital!

Não creiam as empresas que lhes assistiria menos gloria em aprimorarem as peças, do que em alardearem de sagazes, logrando o publico com a sophisticação.

E' falso que frequentemente os theatros não tenham haveres para as representações serem apuradas em os seus aspectos variados. Com a mesma despesa obteriam effeitos seguros e os triumphos a que hajam direito.

Gastar bem é uma regra concinnica, porque o bom impõe-se irresistivelmente e assim todo o capital empregado dá um juro avultadissimo. A economia sordida, absurda, gera a catastrophe, e o dispendio racional, fecundo, produz lucros abundantes. O theatro de D. Maria II é modelo, em algumas peças, para ser adoptado pelos demais empresarios. Ali, as peças são representadas, no tocante a scenario, guarda-roupa e adereços, com o maior cuidado. Não se poupam gastos. Porque não seguem essa esteira os outros theatros?

Cousa alguma na scena é indifferente. A intensidade da luz, a escolha das coristas, o serviço dos porteiros, são elementos poderosos de que procede em boa parte o acolhimento do publico.

O primeiro ponto é essencialissimo. Theatro mal allumiado, é um sepulchro medonho; infunde melancolia e derrama morbido somno no espectador.

Corista femea de formas e rosto repellentes, concorre indubitavelmente para a queda da peça.

Não seria impossivel escolher entre tantas mulheres, que se offercem para coristas, algumas que não afugentassem? Todos nós sabemos que ellas ignoram a musica; cantam d'ouvido. Mais facil a pesquisa. Pois bem. Não se admittam creaturas escandalosamente feias. Quem ousará negar a verdade do que propomos? Vae-sea um espectáculo e todos se queixam da disformidade e da fealdade das senhoras coristas.

De porteiros tambem fallaremos. O porteiro deve ser um homem novo, muito correcto no vestuario, desembaraçado e bem

(**) Vid. *Grammatica portugueza* do illustre professor do real collegio militar, o sr. Carlos Claudino Dias.

educado. Não deve ter modos de senhor da casa, nem repelli um individuo que deseje ver quem está no theatro. Ha de, inclusivamente, fazer reclamo da peça; ser o que se chama esperto, fallador com moderação e tino. Elogiará o que vae, e promettera ainda melhor para o futuro. Fallará na peça que se ensaia, notará um ou outro trecho da que se representa, será discreto e loquaz ao mesmo tempo.

Pensem as empresas no que acabamos resumidamente de propor: *coristas de feições não de todo horripilantes, porteiros muito limpinhos e com a sua pontinha de elogio para a casa, sobretudo esplendida luz na sala, a jorros, luz que arrebate e disfarce muita mazéllu, fazendo resair o que haja de bom.*

Na proxima palestra e nas subsequentes discorreremos sobre algumas questões d'arte; tocaremos em problemas do mais subido interesse para o theatro, e envidaremos todos os esforços para serem recebidos como uns conversadores sympathicos estes periodos, que escrevemos, conscios de que haveria progresso se os nossos collegas tivessem o bom gosto de combatel-os, provocando a benefica discussão.

ALFREDO OSCAR MAY.

AS PRIMEIRAS OBRAS

DE

Camillo Castello Branco

Pretender possuir a collecção completa das obras de Camillo Castello Branco (visconde de Correa Botelho) é já hoje empreendimento difficil e fallivel.

Eu, que ha muitos annos desejo colleccional as na minha modesta bibliotheca, só ultimamente pude obter algumas das primeiras producções do eminente escriptor, e de uma d'ellas, a primeira das primeiras, não consegui adquirir, mas apenas examinar um exemplar rarissimo, que pertence a um bibliophilo de Villa Real de Traz-os-Montes, o qual m'o confiou durante alguns dias.

Folgo de trazer a lume esta noticia, que aos admiradores de Camillo Castello Branco deve ser agradavel, tanto mais quanto supponho que pouquissimos conhecerão o opusculo de que me proponho tratar.

Desenfado litterario de um estudante, que não pensava ainda nos galardões que a gloria lhe havia de conceder mais tarde tão merecida e exuberantemente, esse opusculo é duplamente valorizado pela sua raridade bibliographica e pela affirmacão dos vastissimos recursos litterarios que o espirito de Camillo desentranhou, n'uma dupla florescencia de thesouros de imaginação e de primores de forma adquiridos no estudo desde 1845 até hoje.

Hesitações de metrificacão, incorrecções de linguagem, menospreço de preceitos plasticos na contextura da phrase e do metro, que se notam no opusculo, servem hoje a evidenciar a longa distancia percorrida por esse indefesso trabalhador, que é em nossos dias o mais correcto e opulento artista da palavra, o mais peregrino cinzelador da lingua portugueza.

Intitula-se a publicacão do estudante de 1845, que então se assignava Camillo Ferreira Botelho Castello Branco:

O JUIZO FINAL

E

O SONHO DO INFERNO

POEMA EM 3 CANTOS

POR

C. F. B. C. BRANCO

Porto: Typographia da Revista, rua dos Ferradores, n.º 31, 1845

N'este opusculo, que comprehende 60 paginas, estão incorporados, a pag. 51, *Os pundonores desaggravados*, poemeto em duas partes, offerecido aos academicos portuenses.

Pela *Advertencia*, que precede o segundo poemeto, vé-se que um e outro eram então reimpressos.

«Por dois motivos me deliberei a «reimprimir» os *Pundonores desaggravados*—primeiro, porque um grande numero de senhores que se dignaram assignar no *Juizo Final*—estou certo de que não leu aquella pequena obra, sob o qual titulo eu me dava a conhecer nos prospectos; segundo, porque alguns erros de Imprensa, na publicacão d'ella, houveram, os quaes agora, serão corrigidos.»



Alexandre Herculano

Se a edição de 1845 é rara, pois que só um exemplar tenho visto, apesar de muitas diligencias mallogradas, a primeira edição, a que a *Avvertencia* se refere, deve de ser raríssima.

O *Juizo final* é offercido ao seu amigo Alexandre Thomaz de Azevedo, em honra do qual pôz por dedicatória algumas linhas.

Segue-se um *Prologo*, em duas paginas, e ahi se encontra uma referencia ao preço da obra:

«Ordinariamente, os que assignam obras, todos são ricos—sendo ricos, como quero que sejam, tanto são com duzentos réis de mais como de menos; e eu como sou uma só cabeça (talvez que a não tenha, mas estou no meu direito) com muitos duzentos réis, já posso levantar-a; e para que a levanto eu? é para ver o mendigo, e favorecel-o; o orfão e favorecel-o; a viuva e favorecel-a, etc, etc; e assim é que eu ganho o céo; por consequencia—céo cá, e céo lá.»

Abre o poema *Juizo final* por uma invocação ás muzas:

Deusas do Pindo, despertae meu estro
No lethargico assombro adormentado;
Dae-lhe ainda outra vez o prisco auxilio;
Dae-lhe um novo ser, que o ser perdeu
No golfo do pavor, no sonho horrivel.

Por deante dos olhos do poeta passam, como no *Inferno* do Dante, as pallidas sombras dos mortos condemnados a tortura eterna.

Ao longe vem um filho d'Esculapio,
Mil homens apóz elle em altos berros:
«O' tu, que tão depressa me mataste,
«Adiantando assim nossos soffreres,
«Condemnado serás eternamente...
«Tantos igneos espetos t'atravessem
«Quantas foram as vezes que embebeste
«Co'a mortifera lanceta a veloz morte
«No povo que, illudido, t'acceitava.»

Depois do medico, vem o poeta:

.. «Tu que te chamas
—Das Apollineas virgens casto alumno—
—Interprete do Deus que o Pindo adora—
Que a Jupiter chamavas Deus d'Olympo
E não sabias ao céo, chamar-lhe céo;
Que chamavas Plutão o deus do orco,
Tantalo, Ixion, Sisyfo e Ticio
Tartaro, Acheron, o Stix, o Lethes
Cerbero ou Trifauce Eaco, e Minos
Radamanto—Caron—Cocyto—e outros
Nomes com qu'enchias mil volumes
E por elles—*dez vintens*—te dava o povo,
E' bem que vás saber s'acaso existem
Os diversos logares que imaginaste,
Nada contribuirás pela passagem;
Não temos ambição; irás gratuito.

Continuando a descrever as cavernas terrificas do inferno, prosegue na enumeração dos seus miseros habitantes.

Alli achas tambem o fatuo altivo,
Da vil soberba o detestavel filho;
Monstro execrando que na garra cinge
Férvido freio crepitando em chispas...
Inda assim mesmo penetra-lo ousal...

Observa o jogador que, condemnado,
Castigos soffre... as mais crueis das penas.
Oha a esposa, os filhos, os parentes,
Que mil blasfemias, mil sarcasmos torpes
Ao pai, ao esposo, desesperado, enviam

O quarto abysmo se t'offerece á vista;
O mais mavioso dos infernaes abysmos.
Aqui os namorados se reuñem:
E sendo os crimes seus pouco pesados
São leves igualmente as suas penas.
Alli vés tres madamas namorando;
E como lá na terra é seu costume
Alvo lenço passarem pelas ventas
Esfregam-as aqui c m um sedeiro,
Alli vés outras tres cartas dictando
Pr'o querido amante qu'ancioso espera,
Amante lá na terra meigo e bello,
E agora transformado em sardão feio
Que expandindo as garras triplicadas
A carta lhe recebe, e trinca os dedos,
Imitando assim os taes apertos
Que em taes occasiões dar se costumam, etc.

Com o canto III acaba o sonho do poeta, a visão do inferno. Como se vê, a satyra é impessoal.

Em 1862, escrevendo Camillo o prologo do livro—*Ao anoitecer da vida*—, que só foi publicado em 1867, ria-se do seu poemeto, a que alias errava o titulo: «Pouco depois, para de uma asentada dizer mal de toda a gente, escrevi e publiquei um poemeto,

em que descrevia a vida que viviam no inferno todas as classes sociaes da minha antipathia. O poema denominava-se *O sonho final*.»

N'este mesmo prologo allude Camillo ao poemeto *Os pundonores desagravados*.

São as suas proprias palavras:

«Qualquer espirito reflexivo, com tão infausta estreia já para o coração já para as costellas, arrancaria de si o aleijão fatal da metromania. Pois não escarmentei! Dois annos depois, cursando estudos superiores no Porto, ridiculisei n'outra *ode* um duello incruento entre o marquez de Chardonnais e um meu condiscipulo de chimica. Tambem, á conta d'isto, estive a pique de ser mettido n'uma retorta do laboratorio.»

A memoria de Camillo, como elle proprio me disse, enganou-o quanto a ser um dos duellistas o marquez de Chardonnais. Vieira de Castro foi inexacto quando, referindo-se ao duello que o poeta glosára, diz que os contendores eram o marquez de Chardonnais e Passos Pimentel.

Camillo, descrevendo o combate, escreve as iniciaes dos campeadores. Essas iniciaes são: N. A. Vejamos:

Quatro horas s'ouviram (hora aprasada);
Nenhum dos meus heroes inda apparecia!
O povo já julgava ter presente
A scena qu'em Lysia outr'ora fôra,
Quando o homem de botas de cortiça
Promette transportar-se o largo Tejo!
Mas não! assim não foi; é honra! é honra!
D'oculos appareceu N.... excelso;
Guarda-chuva na mão, mas não bengala;
Com grande comitiva—irmão—amigos—
Soldados—regedor, e mais pertenças.

A inicial N, seguida de cinco pontos equivalentes a outros tantos caracteres alphabeticos, corresponde ao appellido *Novaes*. Era o *Novaes* chamado dos oculos, muito conhecido no Porto.

Eis chega o outro heroe, A... chamado.

Arnaud, que, para o effeito da metrificacão, tem apenas duas syllabas. E' esta a razão por que o auctor fez seguir a inicial de só tres pontos, equivalentes á prosodia *Arnó*.

As referenciaes ás iniciaes dos duellistas abundam no poemeto:

Chegaram vis-a-vis—«Diz o N.....:
—Vossa mercê me offendeu com vis sarcasmos,

Falla o regedor, que assiste ao duello:

—Tem razão, é verdade, mas agora
Que se lh'hade fazer? serem amigos.
E que diz, Senhor A..., está convencido?

Magnanimo A..., N..... prudente, etc.

O duello, graças á intervenção do regedor, não chegou a realisar-se. E o povo assistente

Tomou a convenção por cobardia.

O local escolhido havia sido a Torre da Marca:

Convieram no logar—Torre da Marca.—

Foi n'este mesmo local, Torre da Marca, que Camillo e o seu condiscipulo Barros, depois empregado na administração do correio de Coimbra, representaram uma parodia de duello quixotesco, uma hilariante comedia, para, como diz Vieira de Castro na sua linguagem altisonante, *cobrir os duellistas, que então davam pabulo aos soalheiros do Porto, com a tunica do ridiculo que, como a de Nessus, devia maceral os se tentassem lançal-a de si*.

A critica não poupon as primeiras producções de Camillo.

Em *Note Bene*, que precede a *Avvertencia* aos *Pundonores desagravados*, escreve o auctor:

«Estive propenso a aproveitar a occasião para responder á judiciosa critica do homem ou criança que se dignou empregar quanta Logica, Poetica, e Rhetorica tinha para censurar-me, quando publiquei (ou dei a quem publicou) o seguinte poema—mas, agora mesmo, sou instruido da pessoa que o fez... e, graças ao senhor das descobertas, vou aproveitar, dormindo, alguns segundos que gastaria respondendo.»

E annotando um dos primeiros versos do poema, observa:

«Este verso, que na primeira impressão estava errado, foi intacto á critica dos meus correctores, censurando, os por natureza, certos.»

Tal é a rapida noticia que podêmos dar da primeira brochura publicada por Camillo Castello Branco.

De outras que se lhe seguiram, e que tambem são raras no mercado, posto que menos, trataremos em subsequentes artigos,

AS NOSSAS GRAVURAS

TEMPLO DE S. MARTINHO, EM LAIGLE

Laigle, cidade franceza, está no departamento do Orne, e tem 5:300 habitantes.

Possue tribunal de commercio, muitas fabricas de alfinetes, agulhas, colchetes, e de las d'instrumentos, vidros, luvas, etc.

Os seus principaes mōnumentos s̃o: o palacio, que é do seculo XV, o templo de S. Martinho, representado na nossa estampa, que se distingue pela sua torre, e por algumas pinturas notaveis em vidro, e a igreja de S. João.

LA BRUNETTE

A pelka que hoje publicamos, sob este titulo, é uma das mais ligeiras e bonitas, do maestro Rudolf Nardonsin.

ALEXANDRE HERCULANO

Acaba de ser trasladado da sua modesta jazida da Azoia para o pantheon dos Jeronymos, o cadaver d'este grande vulto, litterario, d'este eminente historiador, d'este delicado poeta, cuja perda Portugal pranteará sempre.

Esse acontecimento, que encheu por si só a semana finda, explica, o facto de publicarmos hoje aqui o retrato de Alexandre Herculano,—o glorioso author do *Eurico* e do *Monge de Cister*,—cuja biographia já foi traçada nas paginas do nosso semanario.

APPIO CLAUDIO, O CEGO.

COMBATENDO NO SENADO ROMANO AS PROPOSTAS DE PYRRHO

Appio Claudio, censor romano, tornou se notavel por ter mandado construir a *Via Appia*, o primeiro aqueducto de Roma. Depois de velho, cegou, mas não perdeu por isso toda a sua altivez; e quando Cinéas foi a Roma tratar da paz, fez-se conduzir ao Senado, onde combateu vigorosamente as propostas de Pyrrho.

A nossa gravura representa Appio Claudio n'essa attitude.

CUSTODIO MARIA FONTAINHA

Este desgraçado, naturalmente condemnado a não sair da obscuridade, conseguiu pôr-se em evidencia; uma evidencia triste, medonha, mas que nem por isso deixa de o ser.

Falla-se no Custodio Maria, de um a outro extremo do reino. Os jornaes que trouxeram os pormenores do grande crime por elle praticado, foram lidos com avidez.

Custodio Maria Fernandes conta vinte e dois annos incompletos, é solteiro, e natural de Valença.

Começou muito cedo a incommodar a policia e a justiça.

Foi preso pela primeira vez a 22 de maio de 1882, tendo apenas 16 annos de idade, por apedrejar os transeuntes.

Em 24 de junho de 1885, foi preso por offensas corporaes e resistencia á auctoridade, entrando no Limoeiro por ordem do juiz do 3.º districto criminal. Saiu da cadeia a 2 de junho do mesmo anno.

Mais tarde foi preso por dar um pontapé n'um cão, partindo-lhe uma perna.

Em 1886, a 27 de julho, foi novamente preso, pelo crime de ferimentos praticados com arma prohibida, entrando na cadeia a 28 do mesmo mez e saindo a 13 de fevereiro de 1887.

Foi novamente preso, em 18 de julho de 1887, por tentativa de aggressão e resistencia á auctoridade, tendo estado algum tempo na cadeia.

Finalmente, a 21 de maio ultimo commetteu o assassinio na pessoa de Diogo Fernandes.

O assassino de Diogo Fernandes tem sobretudo chamado a attenção pelo seu cynismo, pela sua despreoccupação, que se revela na tranquillidade de espirito, no bom apetite, no socego do seu somno. Um justo não lhe levaria a palma em todas essas coisas.

Não temos a menor duvida acerca da perversidade d'aquelle rapaz; acreditamos porém, que a principal causa dos desmandos do desgraçado, está na sua detestavel educação. Toda a escola da vadiagem e do crime.

Custodio Maria, desde muito novo rodeado de meliantes que o instigavam ao crime, incitando o com os seus malditos exem-

plos, tem como coisa naturalissima o desforço que tirou do Diogo Fernandes.

—Se o não matasse, matava-me elle. Era questão de tempo.

Não julgou acertado evitar o encontro do rival, fugindo a qualquer provocação.

Uma facada traiçoeira e applicada com mão firme, resolvia todas as difficuldades e punha de vez termo á questão.

Não vacilou ante a cobardia do acto, porque, conforme os principios, ou antes os processos adoptados pelos meliantes de navalha, um sujeito que pratica um crime d'aquella ordem não se rebaixa, e antes pelo contrario se engrandece aos olhos dos da sua igualha.

—Uma bofetada, paga-se com uma facada, dizem elles.

Dizem-n'o e fazem-n'o.

Não admira pois que Custodio Maria Fontainha vá sentar-se no banco dos reus como auctor do assassinio d'um homem. Perdeu e a educação. E' ella que o leva aos carceres soturnos da Penitencitaria.

PAÇO DE SOUSA

A uma legua da cidade de Penafiel, no delicioso valle por onde corre o rio Sousa, que vae entrar no Douro duas leguas acima do Porto, existe um monumento digno de ser visto: é o celebre convento de Paço de Sousa.

Foi fundado pelos annos de 956, por D. Fructozendo Guedes, neto de Arnaldo de Bayão, cavalleiro francez, aventureiro, que veiu a Hespanha nos fins do 9.º seculo a buscar fortuna; e augmentado por Egas Moniz, neto de D. Fructozendo, e aio de el-rei D. Affonso Henriques.

Em 1182 foi ali sepultado Egas Moniz, havendo depois d'essa época sido por differentes vezes trasladados os seus ossos: em 1605 para a capella mór do mosteiro, e em 1784 para o corpo da igreja.

A fundação do mosteiro data do seculo X, como dissemos, mas a igreja só foi sagrada a 29 de setembro de 1088.

O desenho do frontespicio, que hoje publicamos, dispensa qualquer descripção. A igreja é um curioso specimen de architectura gothica.

Depois da extincção dos abbades commenditarios, alguns dos abbades triennaes, cuja serie começou em 1580, em seus respectivos governos foram accrescentando a casa com edificios que anteriormente não tinha.

O sitio em que está é um pouco baixo, mas sadio.

A terra visinha é das mais frescas de Entre Douro e Minho, plantada toda de castanheiros e carvalhos muito grossos, que sóbem até ás nuvens, e abastada e abundante de todas as cousas necessarias á vida.

A freguezia de S. Salvador de Paço de Sousa foi adstricta ao termo de Penafiel por alvará de 28 de junho de 1770, e ficou lhe pertencendo, depois de algumas contestações, por disposição regia de 23 de agosto de 1794.

UM CONSELHO POR SEMANA

CONTRA O SARRO DOS DENTES

Recommendamos a seguinte formula para limpar os dentes quando elles se cobrem de sarro:

Tintura de beijoim.....	10 grammas
Alcohol.....	30 "
Acido borico.....	4 "
Essencia de hortelã.....	10 gottas

Deitam-se 10 a 20 gottas d'este preparado n'um copo d'agua e enxagua se a bocca, limpando os dentes com a escova.

A RIR

A filha mais velha de Calino vae servir, como creada de quarto, para casa da viscondessa de X... Esta dá lhe uns lenços seus, para marcar. Acabada a obra, a ama verifica que só um lenço é que tem as iniciaes do seu nome e faz notar isto á primogenita de Calino.

A rapariga responde tranquillamente:

—Como eram todos para a mesma pessoa, entendi que devia pôr as iniciaes n'um só, e escrever *idem* nos outros!

*

Dito horrivel d'um medico. ao passar por um cemiterio:
—Ha aqui muitas pessoas que me devem a sua posição!



APIO CLAUDIO, O CEGO, COMBATENDO NO SENADO ROMANO AS PROPOSTAS DE PYRRRHO

Apontamentos para a historia da camara dos pares

Na nossa historia contemporanea ha ainda muitos pontos obscuros, em que é mister fazer luz, e muita inexactidão, que é urgente rectificar.

Em 1826, D. Pedro IV, no dia immediato áquelle em que outorgou a Carta Constitucional, nomeou os pares do reino que deviam constituir a nossa segunda camara, recabindo a escolha em dois duques, vinte e seis marquezes, quarenta e dois condes e dois viscondes. A não ser titulares, ninguém foi então nomeado par, e d'aquelles ainda ficaram fóra da camara dez condes, trinta e seis viscondes, e dezoito barões.

A maioria dos pares nomeados tomou assento na camara, reconhecendo assim a auctoridade de quem os havia nomeado; e dos que não tomaram assento, nem um só declarou não aceitar aquella mercê.

Dois annos depois, em 1828, chegou a Lisboa D. Miguel, como logar-tenente de D. Pedro IV, e muitos titulares, e entre elles um grande numero de pares, dirigiram-lhe pouco depois do seu regresso uma representação, pedindo-lhe para que se acclamasse rei. Aquelles pares foram o duque de Lafões, marquezes d'Alvito, de Borba, de Lavradio, de Lourical, de Olhão de Penalva, de Sabugosa, de Tancos, de Vagos e de Vianna, condes de Almada, de Anadia, de Barbacena, de Belmonte, de Carvalhaes, de Cêa, de Cintra, de Ega, de Figueira, das Galvêas, de Mesquitella, de Murça, de Paraty, de Peniche, da Ponte, de Porto Santo, da Povoas, de Resende, de Rio Maior, de S. Vicente, e de Soure, e o visconde d'Asseca.

No mesmo anno reuniram-se em Lisboa os tres Estados; e no assento que fizeram no dia 11 de julho, declararam que a corôa de Portugal pertencia a D. Miguel, e que este era o legitimo rei. Este assento, além das assignaturas dos pares que firmaram aquella representação, com excepção dos marquezes de Olhão e Torres Novas, condes de Cêa, de Figueira, de Paraty, da Ponte, de Resende e visconde d'Asseca, que não assistiram, tem tambem as do duque de Cadaval, marquezes de Bellas, de Ferreira e de Vallada, condes dos Arcos (D. Vasco), de Bobadella, da Lapa, da Louzã, de Penafiel, de Rio Pardo e de Sampaio.

O decreto de 28 de maio de 1834, designando o dia 15 d'agosto para abertura das camaras, que pela primeira vez voltavam a reunir-se depois do triumpho da liberdade, ordenou que na dos pares sómente tomariam parte aquelles de seus membros que não houvessem assignado a representação dirigida a D. Miguel, a que nos referimos. Este decreto, além de estar em desharmonia com a Carta, pois, segundo ella, pertence exclusivamente á camara dos pares o conhecer dos delictos praticados pelos seus membros, principiou desde logo a ser mal interpretado pelos proprios ministros que o referendaram. O decreto excluia apenas da camara os pares que haviam assignado a representação, mas o governo foi muito mais além, pois não só não convocou os que tinham assignado o assento dos tres Estados, mas até mesmo um bispo que não havia assignado nem uma cousa nem outra, que foi o de Aveiro. D'esta fórma a camara ficou reduzida a treze pares, e não a dezesseis, como affirma o sr. Soriano (Historia da Guerra Civil, etc. 3.ª epocha, tomo 5, pag. 449 nota) e que eram os duques de Palmella e Terceira, marquezes de Loulé, de Fronteira, de Ponte de Lima, de Valença e de Santa Iria e condes da Cunha, de Linhares, de Ficalho, de Lumiães, da Taipa e de Villa Real.

Na sessão preparatoria de 16 d'agosto de 1834, foi authorisado a tomar assento como par, como com effeito tomou, o conde de Paraty, um dos signatarios da representação alludida, mas que a esta circumstancia juntava a de haver emigrado e ter feito parte do exercito libertador. Houve quem impugnasse a admissão d'aquelle titular, por apparecer n'aquelle documento a sua assignatura, o que fez dizer ao conde da Taipa — «se fallassemos em assignaturas, quantas cousas haveria a dizer a respeito de muita gente!!!»

O decreto de 28 de maio de 1834 tanto se referia só aos pares que haviam assignado a representação, que, quando em julho de 1842, se ventilou na camara a questão se o conde de S. Lourenço podia tomar ali assento como successor de seu pae, o marquez de Sabugosa, que havia tambem assignado aquelle documento, se decidiu que os signatarios d'ella não podiam tomar assento na camara. A commissão que deu o parecer n'este sentido compunha-se de José da Silva Carvalho, um dos ministros que tinham referendado aquelle decreto, Antonio Barreto Ferraz, Venancio Pinto do Rego Cêa Trigueiros, um dos signatarios do assento dos tres Estados como procurador por Porto de Moz, Visconde de Laborim, visconde de Porto Covo da Bandeira, tambem signatario da representação e do assento, e conde da Taipa, que assignou vencido. Este titular, durante a discussão, mostrou com o assento dos tres Estados, que na camara estavam individuos que tinham proclamado a legitimidade de D. Miguel e acabavam de ser no-

meados outros que se achavam nas mesmas circumstancias. O visconde de Sá da Bandeira, na sessão de 27 de julho de 1842, pediu uma relação dos pares signatarios da representação ou que tiveram assento nos tres Estados e depois da restauração do throno da rainha tomaram assento na camara, e bem assim uma outra relação dos que, estando nas mesmas condições, houvessem já fallecido, mas tivessem deixado filhos. Este requerimento foi indeferido pela maioria da camara.

O sr. Barão de S. Clemente, no capitulo XXV do seu curiosissimo livro, *Estatísticas e biographias parlamentares*, enumerando os pares que assignaram os tres Estados e assignaram o respectivo auto, cita os marquezes d'Angeja, de Castello Melhor e de Chaves, condes de Funchal, de Oriolla e d'Asseca e bispo d'Evora. Isto não é verdade. Os marquezes de Angeja e Castello Melhor tinham morrido um anno antes, aquelle sem deixar successor e este deixando um filho menor, que foi o marquez do mesmo titulo. O marquez de Chaves estava ainda emigrado em Hespanha e não assistio aos tres Estados. Os condes de Funchal e Oriolla tambem não assistiram, nem assignaram a representação; o visconde d'Asseca assignou este documento, mas não assistiu áquella reunião.

A Sé de Evora estava n'essa occasião vaga, por isso não podia assignar o auto dos tres Estados o bispo d'esta diocese quem o assignou foi o bispo de Bugio *in partibus*, vigario capitular. Porém outros prelados assistiram a esta reunião, que s. ex.ª não cita, como foi o de Beja, D. Luiz da Cunha Abreu e Mello, que esteve ali como representante da mesma cidade. Como procurador por Pinhel apparece tambem nos tres Estados a assignatura do bispo D. Manoel da Silveira Gama Castello Branco. Ignoramos a que diocese pertencia este prelado; alguém affirmou já que á de Pinhel; duvidamos porém que assim seja, porque parece-nos que ali haive só quatro bispos e foram elles D. Christovam de Almeida Soares, D. José Mandonça Pinto Arrães, D. Bernardo Bernardino Beltrão e D. Leonardo Bessa.

O mesmo escriptor, e na mesma obra, pag. 44, publica uma nota dos pares nomeados desde 1826 a 1880 e ali apresenta como nomeados pelo ministerio Palmella em 1 de setembro de 1804, vinte e um pares. Isto tambem não é verdade. O duque de Palmella não fazia então parte do gabinete, e nenhuma das situações a que presidiu e que foram de 24 de setembro de 1831 a 28 de abril de 1835, de 7 a 9 de fevereiro de 1842, e de 20 de maio a 6 de outubro de 1846, nomeou um só par.

Na pag. 62, innumera o sr. barão de S. Clemente diferentes pares que estiveram bastante tempo sem prestar juramento. Além dos que cita s. ex.ª, ha outros em idênticas circumstancias dos nomeados em 1826, como são: marquezes de Castello Melhor, de Funchal e de Angeja, e condes de Bobadella e de Peniche, fallecidos antes de 1833 e que não chegaram a tomar posse, marquez de Ferreira, e condes de Ture e de Oriolla, fallecidos já depois de 1834, mas que não tomaram posse. O marquez de Ponte de Lima e o conde de Ficalho tomaram posse em 16 de agosto de 1834; o conde de Resende tomou posse em 20 de abril de 1850 e o conde da Ribeira Grande em 20 de novembro de 1843.

Parece que o governo, em 1834, não convocou nenhum dos prelados, que pela Carta tinham assento na camara dos pares, a concorrer ali. Nenhum havia assignado a representação, por isso em virtude do decreto de 28, não podiam ser excluidos. Dos que haviam assignado o auto, já não existiam então, e os que succederam a estes ou vieram depois occupar as Sés vagas, eram nomeados por D. Miguel e como taes não foram recebidos pelo governo; e esses estavam bem excluidos da camara. Quem o não estava era o bispo de Aveiro, D. Manoel Pacheco de Resende, que não assistiu aos tres Estados e que por ordem do governo d'aquelle principe foi accusado de liberal e como tal processado. D'elle escrevem o grande poeta Castilho, no «Nacional» de 20 de janeiro de 1835 — «bom velho que ás virtudes christãs unia as virtudes civicas; que debaixo dos olhos desconfiados d'um governo suspeito mandava o pão quotidiano aos que o governo martyrisava nas prisões; sobre cujas cãs sagradas caiu tambem um pouco de opprobrio e de perseguição».

Factos posteriores vieram comprovar esta grande verdade. O procedimento do governo para com os pares que tinham assignado o assento dos tres Estados, fez com que se tenham dado ao decreto de 28 de maio attribuições que elle não tem; e alguns escriptores, entre elles o sr. Barão de S. Clemente, affirmam que os pares que estavam n'estas condições haviam perdido a sua qualidade de par. Muitos tem citado aquelle decreto, mas ao que parece poucos o tem lido.

De 1834 a 1851 tomaram assento na camara diferentes pares, nomeados em 1826 e que haviam assignado o assento dos tres Estados, e bem assim successores d'outros pares, que igualmente o tinham assignado. Entre aquelles contam-se os condes, de Rio Maior, de Resende e de Penafiel, e entre estes os condes de Sampaio e dos Arcos. O conde de Rio Maior, que assignou a representação e o assento, tomou posse em 5 de janeiro de 1836, e o de Resende, que só assignou a representação, em 20 d'abril de 1850. A lei, ou antes a pratica seguida, não era igual para todos; além de muitos pares que ficaram sempre fóra da camara, ha o conde de Anadia, que teve de receber nova nomeação de par em 15 de dezembro de 1849, para poder ir occupar o seu antigo logar. Este

comtudo, tinha assignado, como vimos, a representação e o assento.

Em 1841, o governo mandou recolher ás suas respectivas dioceses os bispos d'Elvas e Bragança, apresentados por D. Miguel, e quando em 1842 teve logar a restauração da Carta, convocou os a tomarem posse dos seus respectivos logares na camara dos pares.

O decreto de 28 de maio de 1851 derogou as disposições do decreto de 28 de maio de 1834, a que nos temos referido e, n'esse mesmo dia, a *Revolução de Setembro* publicou uma lista dos individuos que podiam ir tomar assento na camara dos pares, por terem sido nomeados em 1826 a saber: duque de Lafões, marquez de Penalva, condes de Carvalhaes, de Cintra, da Ega, da Figueira, das Galvéis, da Louzã, (D. Diogo) de Mesquitella e da Ponte, como successores d'outros já fallecidos, os marquezes de Lavradio, de Pombal, de Vallada, de Vianna, os condes de Almada, d'Atalaia, de Barbacena, de Belmonte, de Cêa, da Lapa, de Muçã, de Peniche, de Pombeiro, de S. Lourenço, de Redondo e o visconde d'Asseca. Esta lista, porém, está incompleta; aos primeiros ha a juntar o marquez de Ferreira, e aos segundos Antonio da Cunha Lorena (S. Vicente). O mesmo jornal publicou dias depois a seguinte declaração:

«Os abaixo assignados, tendo visto no *Diario do Governo* n.º 123 o decreto de 28 de maio corrente, que derroga a disposição do decreto de 28 maio de 1834, pelo qual foram expulsos da camara dos pares aquelles que tomaram parte na manifestação feita pela nobreza de Portugal antes da reunião dos Preslestandos, no anno de 1828, disposição esta que tambem se fez extensiva aos seus successores, e considerando outro sim os mesmos signatarios o que devem aos seus procedentes actos, á sua honra e dignidade pessoal ainda ultimamente tão aggravadas pelos termos em que se acha concebido o citado decreto de 23 do corrente, e não podendo além d'isto os que representam como successores faltar ao respeito que lhes cumpre tributar á memoria de seus paes e antepassados, nem devendo stigmatizar os actos por elles espontaneamente praticados, declaram que julgam do seu rigor o dever não aceitar os effeitos do referido decreto de 23 de maio. Lisboa, 30 de maio de 1851. Marquez de Lavradio, marquez de Penalva, conde de Barbacena, duque de Lafões, José de Mello da Cunha, como representante de seu pae o ex.^{mo} marquez de Olhão, conde de S. Lourenço, como representante de seu pae o ex.^{mo} marquez de Sabugosa, conde de Cintra, conde de Muçã, conde de Redondo, como representante de seu pae o ex.^{mo} marquez de Borba, conde de Figueira, conde de Pombeiro, como representante de seu pae o ex.^{mo} marquez de Bellas, conde da Louzã (D. Diogo), conde da Atalaia, como representante de seu pae o ex.^{mo} marquez de Tancos, conde de Carvalhaes, Antonio da Cunha Lorena, como representante do conde de S. Vicente, conde da Ega.»

Acceitaram portanto os effeitos do decreto, ou pelo menos não fizeram declarações em contrario, os marquezes de Pombal, de Vallada e de Vianna, os condes das Galvéis, de Mesquitella, da Ponte, de Almada, de Cêa, da Lapa e de Peniche, e o visconde d'Asseca.

MARQUES GOMES

EM FAMILIA.

PASSATEMPOS)

Logogripho

(Ao insigne charadista, PEQUENO ANTONINHO)

N'esta bonita cidade,—5—4—3 4—8—4
Que muita gente alimenta.—7—9—5—4
Encontrei este tecido—5—4—3—9
Que devéras me atormenta.—1—6—7—8—3.

O meu destino cumprindo,—7 6—3—9
N'esta côca eu cabi;—8—6—3—4
Mas afinal, com valor,—4—3—2—8—9
Para o deserto fugi—9—4—1—6—7.

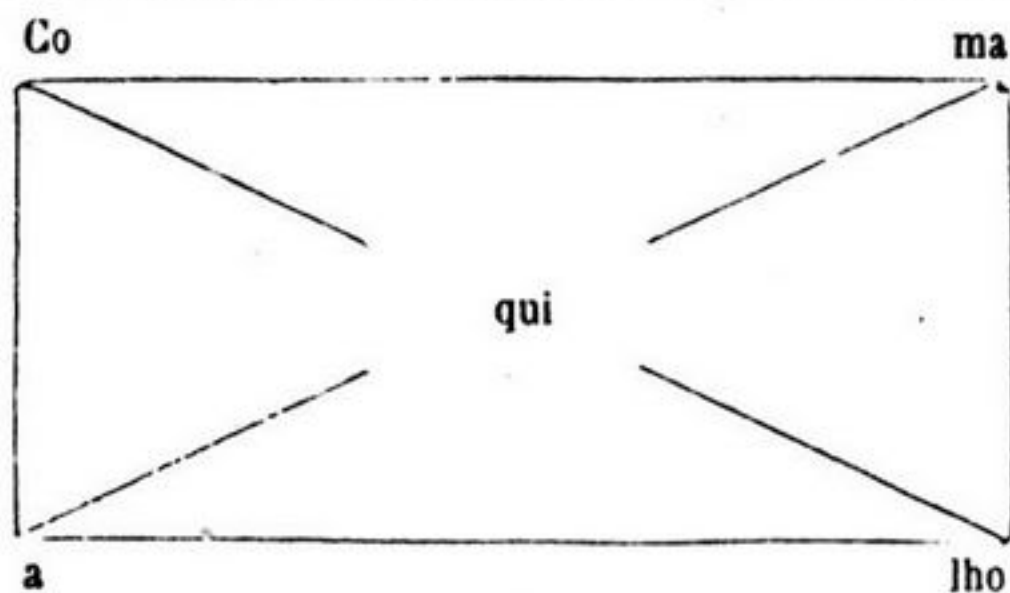
E-tá frio, meu amigo?
Parece, vem a tremer!
Pois experimente já um,
E v'rá o que é aquecer.

Vizella.

JAC BINO.

Decifrações

DAS CHARADAS:—Buscapé—Raquinta—Fragata—Ribombo.



A segunda charada novissima do ultimo numero deve ler-se assim:

Está na musica, depois da quarta, este instrumento—1—2.

Tudo aos pobres

Ella era formosa como as mais formosas. Tinha essa belleza ideal das visões sonhadas pelos poetas. O cabello d'ouro, os olhos celestes em que se avultavam ternuras de uma candidez incomparavel. O seu busto escultural, soberbo, havia atravessado todos os salões, deixando um rasto de admiração e de respeito, nobre e delicado.

Os pintores desejariam retratar na tela as linhas divinaes d'aquelle corpo de fada, e os estatuarios queriam arrancar ao marmore a sua insensibilidade de pedra, curvando o reverente e animado ao sopro divino da arte, nas curvas graciosas e estonteadoras d'aquelle belleza de mulher.

Mas nenhum podia mais do que despil-a *in mente*, subjungido pelo seu ar senhoril.

A gentil menina gosava d'essa profunda consideração que dá a riqueza, alliada a um nome immaculado.

O pae havia sido, aos olhos do mundo, um negociante honradissimo e feliz, sobretudo feliz. Ainda ninguem soubera explicar como, nem porque especulação capital, elle repentinamente enriquecera.

Mas quando é que se viu o mundo averiguar isso?

Opulentára se: eis tudo. Nada mais era preciso na verdade, para uma sociedade que não pôde exigir folha corrida a cada um que traje uma casaca e tenha uma estrella da Conceição.

Ora a nossa gentil Leonor, a filha unica do muito alto e poderoso barão de X. amava com a serenidade das pessoas louras—duas pessoas no mundo, o Arthur e o pae.

O Arthur, era um professor de piano *o seu professor*.

Como elles se amavam! Oh! Deus! Que eloquencia a da sua execução ao piano! A musica, sob os seus dedos, gemia nas cordas, rebentava no teclado em ondas de colera, em impercações tremendas, nos trechos sombrios dos *Huguenotes* e da *Africana*. Eram dois artistas que se completavam maravilhosamente um ao outro, espontaneos, intelligentissimos, originaes.

O seu amor, feito de musica, alimentado de harmonias, alçava-os da mesquinhez terrena, para as regiões altissimas da arte. Viviam como em um mar de sonhos, embalados pelo murmuro das vagas do ideal.

Mas tudo tem um fim, como para attenuar a transformação constante dos homens e do meio social.

Afigurou se ao pae de Leonor, ter ella chegado á idade de casar, e pensou n'isso por ella, para não lhe dar incommodo, talvez. Tratava o barão um pouco commercialmente este assumpto. A filha, porém, despertada rudemente da sua doce poesia, respondeu com essa bondade tranquilla, que é uma força invencivel nas pessoas delicadas:

—Não caso.

—E porque? interrogou o pae surpreso.

—Porque não amo ninguem.

Aquelle «ninguem», era evidente referir-se á roda social onde o pae provavelmente lhe teria ido buscar noivo.

—Mas não importa, disse o pae imprudentemente.

—Como, sr.? interrogou ella

E o seu olhar era firme e limpido, franco e audaz, como um espelho azul da alma.

O pae, que a amava muito e se sentia sempre perturbado na sua presença, pelo ar puro e austero da Leonor, fez-se forte, encorajou-se d'essa experiencia do mundo, adquirida outr'ora ao balcão, e depois nos salões, e respondeu lhe:

—Seja como fôr, é preciso que cases. Eu estou velho, posso faltar. Tu nada percebes da vida e de negocios. E' o teu futuro que eu vejo d'aqui.

Ella sorriu com uma singular segurança, que desconcertou o barão.



CUSTODIO MARIA FONTINHA

—O que vejo n'isso, meu pae, é que me ama tanto que se deixa cegar, até ao ponto de confundir o meu futuro temporal com o espiritual.

—Não comprehendo.

—Pois é claro. Casando com esse procurador marital, que escolheu entre os brazileiros ou filhos de brazileiros, seus amigos, asseguro o meu futuro; mas como não amo esse senhor, quem quer que elle seja, destituo implicitamente a minha felicidade de coração e de espirito; fico como uma pessoa que de subito paralyssasse de um lado.

—Dar-se-ha o caso que tenhas algum namorico?

A pergunta era espinhosa e a resposta difficil para um caracter nobre como o da Leonor, que não sabia mentir; por isso, illudiu a com o seguinte resposta:

—O pae quer dizer se tenho algum projecto?

E sem lhe dar tempo a retrucar, continuou:

—Peço-lhe que adiemos este assumpto.

—Para quando?

—Não sei. Dir-lhe-hei.

O barão, para o qual se tornava odiosa toda a contrariedade, e que estava habituado a desabafar a murro, sobre os pobres marcanos e trabalhadores, mas que diante da filha emmudecia, exclamou com um suspiro d'allivio:

—Pois sim; tornaremos mais tarde a tratar d'isto.

E beijando a na testa, retirou-se, arrastando a perna achada e resmungando:

—Oh! as mulheres! com ellas não se pôde negociar.

E o idyllio entre a Leonor e o pianista, recommençou com mais vehemencia, como se temessem que as horas felizes, que passavam descuidosos ao piano, tivessem em breve um fim.

*
*
*

O barão amanheceu, um bello dia, paralytico de todo. N'aquelle corpo immovel, só a intelligencia ficára lucida.

A Leonor, largou o piano e installou se-lhe á cabeceira. A força de dedicação, conseguiu comprehend-l o maravilhosamente, e auxiliada por empregados fieis, pôde dirigir os negocios, com um tacto que encheu de espanto o enfermo.

Mas um dia—dia fatal, indo procurar um documento, deparou com uns papeis singulares, pelos quaes ficou de posse do mais horrivel segredo que pôde alancear o coração de uma filha.

O pae era um ladrão e assassino. Tinha roubado uma familia honrada, de quem tinham depositado os haveres em seu poder, depois de ter mandado assassinar o chefe.

A pobre menina, desvairada pela vergonha, louca de terror e de colera, correu junto ao paralytico, que ouvia tudo perfeitamente, só não podendo fallar, e apresentando-lhe os papeis, disse-lhe:

—E' verdade isto que aqui está?

O paralytico, apenas correu a vista pelos papeis, ergueu-se

n'um impeto collossal de terror e espanto, os olhos injectados de sangue, as faces negras, as veias frontaes entumecidas. Quiz fallar, mas não pôde, e aniquillado por tamanho esforço, caiu redondamente fulminado no chão.

Ao estrondo d'aquelle corpo caído por terra, como o ponto final de uma existencia ensanguentada, acudiram os creados e encontraram a Leonor ainda de pé, petrificada de assombro, perante a confirmação tacita do barão.

N'esse mesmo momento, a heroica menina tomou uma resolução em harmonia com o seu caracter. E no dia seguinte, quando o pianista lhe foi dar os pesames, chamou-o de parte e disse-lhe:

—Sou livre agora.

Elle bebia-lhe as palavras nos labios.

—Não diz que me ama? accrescentou a Leonor com os olhos fitos no artista.

—Que estranha pergunta a sua! disse elle simplesmente.

—Não lhe parecera estranha, desde o momento em que lhe fizer uma revelação. Sou pobre como Job.

As feições do pianista não traíram a minima emoção.

Leonor continuou:

—A fortuna de meu pae não me pertence, e tenho que restituil-a. E' um segredo de familia. Está, porém, na minha mão não, restituir cousa alguma.

O rapaz olhou para ella, admirado.

—E' um caso de consciencia, com o qual a lei nada tem que ver. Fico reduzida quasi á miseria; mas esse dinheiro que não me pertence, não me escaldará as mãos.

O pianista olhava a, cada vez mais admirado.

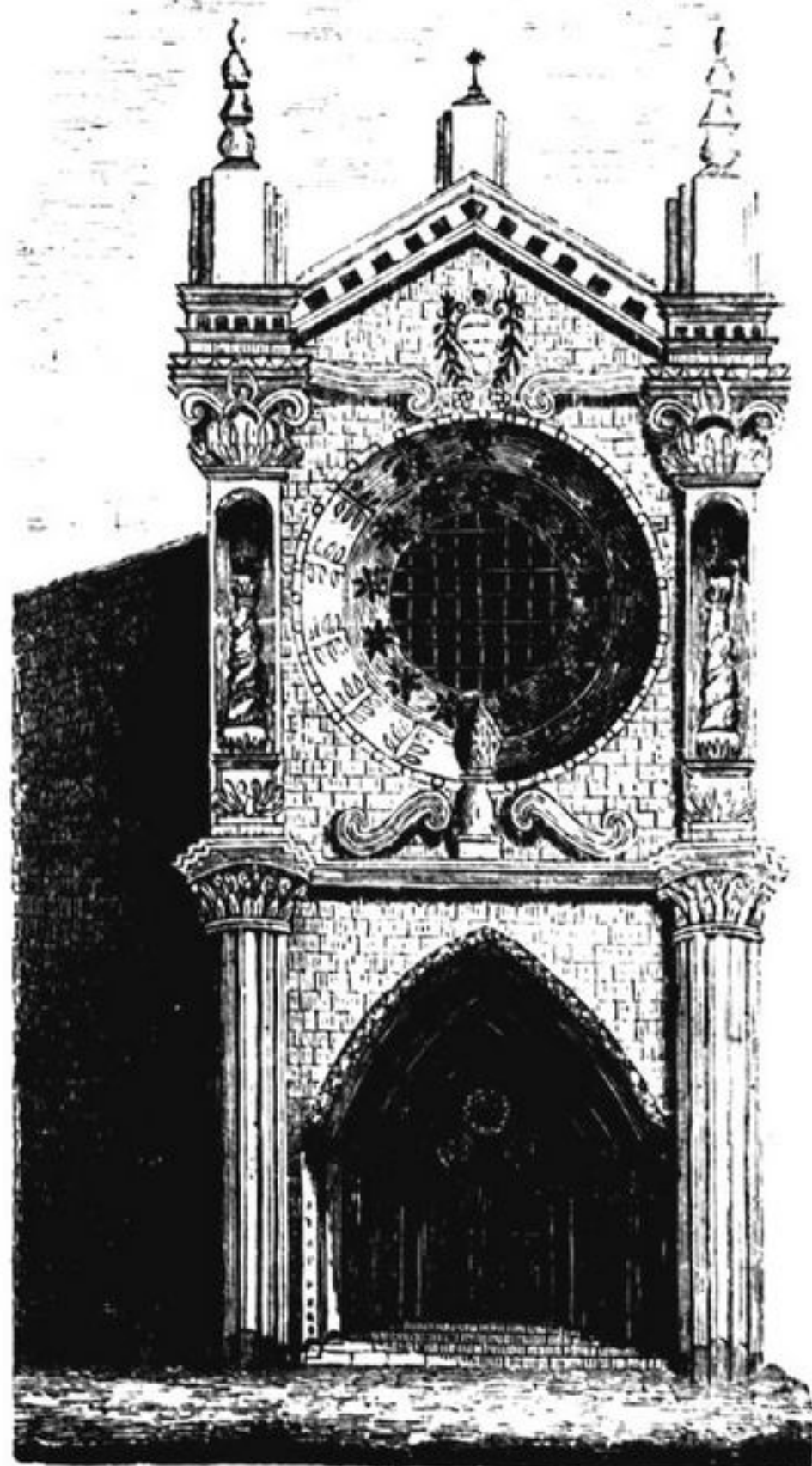
—Agora, diga: ama-me ainda?

—Mais do que nunca! Agora somos eguaes. Somos dois artistas. Trabalharemos e seremos felizes.

E estreitaram-se ambos, pela primeira vez, nos braços um do outro.

A Leonor, cumpriu a sua palavra: a fortuna roubada foi integralmente entregue aos pobres, por isso que nenhuma das pessoas espoliadas vivia.

JOSÉ MARIA DA COSTA



PAÇO DE SOUSA